

A Andragogia Espiritual

Dalmo Duque dos Santos

Andragogia é a prática educativa iniciática que, desde remotíssimos tempos, vem sendo utilizada em núcleos filosófico-religiosos. Ela visa, sobretudo, a formação de agentes multiplicadores (discípulos) de uma determinada doutrina. A iniciação, como técnica didática, é idêntica no que diz respeito à sua essência educativa e varia somente nas suas aplicações culturais, sendo comum tanto nas mais simples práticas primitivas tribais até as mais sofisticadas instituições sacerdotais. O pagé indígena, o feiticeiro ou curandeiro tribal, o padre católico, o pastor protestante, o xamã, o bruxo, o mago, o gurú, o pai-de-santo, a rezadeira ou benzedeira, todos são iniciados em suas respectivas áreas de conhecimento, obedecendo princípios e regras educativas necessárias ao exercício de suas funções ou papéis.

Nas civilizações teocráticas da Antiguidade oriental esse tipo de prática educativa foi predominante porque a camada sacerdotal tinha grande influência social e política. O sacerdócio era um status diferenciado e altamente prestigiado nessas sociedades.

A introdução da educação iniciática oriental no mundo ocidental se deu através do contato da civilização greco-romanos com as culturas do Egito, da Índia e da China. Sábios gregos como Heródoto, Platão e Pitágoras freqüentaram núcleos iniciáticos orientais. Mas a própria metodologia de ensino de Sócrates (a maiêutica e a ironia) funciona como um processo de iniciação no qual o discípulo tinha que romper barreiras e obstáculos para vencer etapas de aprendizagem. De todos esses sábios do Ocidente, Pitágoras foi o que mais se destacou nesse setor, criando uma escola iniciática de grande prestígio na qual se ensinava ao mesmo tempo o conhecimento racional, o fenomenal exterior (exotérico) e o fenomenal interior ou emocional (esotérico). A Matemática pitagórica tanto abrange o aspecto racional do universo (geometria) como o aspecto místico, como a teoria da perfeição numérica setenária.

Na Idade Média, em plena Era Metafísica, a educação iniciática, voltou a ser praticada nos círculos de elite, como contestação e alternativa ao monopólio cultural teológico da Igreja (ordens religiosas em mosteiros e conventos). Nessas sociedades secretas ocultistas os homens cultos e inquietos se reuniam para aprender e desenvolver conhecimentos proibidos. A Maçonaria é um exemplo desses núcleos, cuja origem foi a corporação de ofício dos pedreiros ou construtores (do francês "masson" ou fazedor de massa).

Na Renascença essas sociedades secretas se propagaram em função do relativo clima de liberdade estabelecidos em cidades comerciais e pelas revoltas contra os abusos de poder do clero católico (Reformas). Nomes

famosos como Galileu, Leonardo Da Vinci, Rafael, Miguelangelo foram iniciados nos mistérios metafísicos dessas escolas esotéricas e deixaram transparecer em suas obras os reflexos desses conhecimentos.

Com o advento do iluminismo e das Revoluções Liberais as escolas iniciáticas perderam muito da sua influência por causa do estabelecimento das liberdades civis. Mesmo assim, sabe-se que muitos desses movimentos foram pensados e tramados em núcleos iniciáticos ou pelos seus ex-alunos.

No mundo contemporâneo, com as crises existenciais geradas pelo clima de incerteza, as escolas iniciáticas ainda sobrevivem e em determinados setores avançam como alternativa educacional da chamada Nova Era, do III Milênio.

Características mais comuns da educação iniciática:

- Ocultismo, misticismo, mistérios, enigmatismo e simbolismo;
- Busca do conhecimento das relações e inter-relações entre o Homem, Divindades e a Natureza;
- Diferenciação entre o conhecimento Exotérico e o conhecimento Esotérico;
- Relação de confiança entre mestre e discípulo;
- Regras disciplinares e de conduta (silêncio, jejum, meditação, olhar, etc.);
- Progressão gradual dialética em etapas (graus hierárquicos);
- Instrumentos rigorosos de avaliação probatória;
- Diferenciação metodológica entre a pedagogia e a andragogia.

Fazendo uma comparação teórica, enquanto a Pedagogia está voltada para a educação existencial das crianças a Andragogia volta-se para o aperfeiçoamento consciencial dos adultos. Para tanto, esta última lança mão de métodos diferenciados da educação infantil, capazes de amadurecer o indivíduo biologicamente já desenvolvido, porém emocionalmente imaturo, através do processo de despertar. Essa metodologia consiste basicamente na reversão do conhecimento e do aprofundamento de experiências, do plano exotérico para a dimensão esotérica. O conhecimento esotérico está inserido no rol dos principais tipos de conhecimentos manifestados na experiência humana, a saber: o mágico, o empírico, revelado, lógico-racional, o experimental, e o intuitivo. O esoterismo enquadra-se, portanto, na esfera da revelação místico-religiosa, da qual provém a maioria dos ensinamentos espiritualistas ministrados pelas escolas iniciáticas tradicionais e também pelas principais religiões históricas das civilizações. Lembrando Platão e sua analogia sobre o efeito moral do conhecimento nas pessoas, a Verdade é como uma luz que ofusca a visão do expectador que se

habitua com a escuridão de uma caverna escura. Ele vai se adaptando gradualmente à medida que faz incursões de olhos vendados até que possa finalmente encarar a luz sem nenhuma proteção. A venda nos olhos é o exoterismo; tirar a venda dos olhos é processo de iniciação esotérica.

Todas as religiões e escolas filosóficas espiritualistas, em todas as épocas, guardam duas formas básicas de expressão social: uma esotérica, voltada para os setores mais intelectualizados, cuja minoria tende sempre a formar suas elites, corporativas ou não; e outra exotérica, voltada para as massas, para cuja maioria limitada intelectualmente assume significados simbólicos e ritualísticos mais acessíveis ao seu nível de compreensão. Isso significa que as religiões e filosofias possuem conhecimentos complexos que precisam ser, de uma forma ou de outra, vulgarizados, quase sempre em forma de dogmas e sacramentos cerimoniais.

Mas tudo isso só amplia ainda mais o fascínio que o ser humano tem pelo conhecimento esotérico. Menos palpável e realista do que os conhecimentos lógico-racional e empírico, ele não fornece provas materiais dos fatos, porém gera em todos nós uma profunda confiança na imaginação e na capacidade filosófica de cultivar as possibilidades do desconhecido. A mente humana não se alimenta apenas de convicções lógico-rationais. Nossa auto-realização depende do entendimento e da compreensão de muitas outras coisas que estão fora dessa esfera limitada da cognição racional. Além do pensamento estão inúmeras outras experiências ainda não decifradas e que se escondem no universo dos nossos sentimentos e emoções. Somente quando estivermos suficientemente equilibrados nas três áreas vivenciais é que poderemos conviver com o conhecimento pleno e absoluto das coisas. Por enquanto teremos que viver na relatividade. Enquanto isso, não há nada de mal especularmos nesse terreno oculto e atraente do mundo das idéias, da esorealidade da qual falava Platão.

Artigo Reproduzido com Autorização do Autor